

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
DOCLISBOA: O DOCUMENTÁRIO EM MARCHA - CONTURBADOS ANOS 30 NA AMÉRICA
DO NEW DEAL
26 e 27 de outubro de 2023

NATIVE LAND / 1933-41

Realização: Leo T. Hurwitz e Paul Strand / Assistentes de Realização: Alfred Saxe e William Watts / Argumento: Ben Maddow (sob pseudónimo de David Wolff), Leo T. Hurwitz e Paul Strand / Operador: Paul Strand / Comentário: Ben Maddow (sob pseudónimo de David Wolff) / Narração e canção: Paul Robeson / Montagem: Leo T. Hurwitz / Montagem e som: Lionel Berman e Sidney Meyers (sob pseudónimo de Robert Stebbins) / Animação: Ted Eshbaugh Studios / Música: Marc Blitzstein, dirigida por Lehman Engel / Interpretação: Fred Johnson (Fred Hill), Arth Smith (Harry Carlisle), Houseley Stevens, Louis Grant, Howard da Silva (Jim), Tom Connors (Joseph Shoemaker), Mary George (senhora Hill), John Rennick, Amelia Romano, James Hanney, Bert Conway, Richard Bishop, Charles Jordan, Vaughn King, Robert Strauss, Dolores Cornell, John Marlieb, Harry Wilson, Charles Webber, Virginia Steves, Clancy Cooper e Tom Pedi.

Produção: Frontier Films / Produtor executivo: George Jacobson / Assistente de produção Julia Mich e Ruth Miller / Cópia: 35mm, preto e branco, legendado electronicamente em português, 88 minutos / Exibido pela primeira vez em Portugal no 10º Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz (1981).

Sessão de dia 26 apresentada por Tom Hurwitz

Native Land foi a obra culminante da *Frontier* Films, aquela a que Hurwitz e Strand se dedicaram já enquanto autores completos, o projecto mais ambicioso do cinema independente americano politicamente empenhado ao longo da década de 30.

Mais uma vez com base no conhecimento dos restantes filmes, não nos enganaremos se dissermos que, também aqui, foi Hurwitz o arquitecto principal da estrutura, cabendo a Strand o trabalho (notável) de fotografia. E é verdade que a estrutura volta a ser ostentada em toda a sua possível visibilidade. Sendo agora o tema “central” o levantamento do sindicalismo americano, o que mais uma vez acontece é que a sua entrada directa no filme só acontece muito tarde, como expressão última de uma luta (uma contradição histórica) antiga, vindo alargar (poderíamos dizer enformar organicamente) uma longa sequência de temas prévios que sobem em espiral até ela.

Este projecto de construção dialéctica é adaptado dos clássicos soviéticos dos anos 20, e é também aí que em última análise se realiza a possibilidade de inserção de cenas representadas por actores profissionais numa obra que não se transforma por isso numa ficção corrente. As histórias representadas que aqui se cruzam quebram as fronteiras

do documentário tradicional sem lhe darem a volta: é a estrutura do documentário que prevalece, as histórias são exemplos, as figuras apenas tipos e não personagens com que nos identifiquemos.

O tema que percorre o filme (e do qual o sindicalismo surge como a forma acabada) é a contradição entre o projecto americano e as suas instituições, por um lado, e a impune violação das liberdades, por outro. Esta contradição determina a evolução das cenas, procedendo-se à sistemática contraposição entre os andamentos de expansão (o desenvolvimento harmónico do quotidiano, a alegria, a luz, o projecto histórico igualitário) e de restrição (o crime racial, ideológico ou político, o medo, a sombra). Há uma oscilação permanente entre os dois polos, da primeira à última cena: o voto de confiança final (“We don't forget that, never”) não se instaura linearmente no grande movimento de massas que o antecede, mas no espaço da morte que entre eles se vem, in extremis, a interpor (o enterro dos mortos de Chicago). Paralelamente, há uma oscilação e um crescimento do particular para o geral, a que se sobrepõe sempre a voz do geral. Por isso as figuras individuais crescem para a massa sendo já ao mesmo tempo puros exemplos dela. Por isso ouvimos a voz inconfundível (e bem individualizada) de Paul Robeson dizer *We, the people*. Por isso os mais belos movimentos do filme têm a ver com o olhar épico sobre a comunidade americana e a terra em que se funde, como na espantosa panorâmica sobre colinas negras a servir do fundo a um busto de Thomas Jefferson.

José Manuel Costa